

Quércia em situação delicada

RENATO FALEIROS

O governador de São Paulo, Orestes Quércia, estava ontem, numa situação bastante delicada diante da opção que terá de fazer no segundo turno da eleição presidencial. Com todas as projeções dando a vitória do candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, para a vaga do adversário de Fernando Collor de Mello, Quércia isolou-se do centro das discussões do PMDB sobre o caminho do partido daqui para a frente. Está claro, no entanto, que o governador paulista prefere correr o risco de ficar em cima do muro do que ser forçado a acompanhar uma decisão partidária que deverá ser tomada em cima de fortes divisões e poderá representar o desfecho da crise na qual o PMDB se arrasta há anos.

O principal argumento da provável neutralidade de Quércia será exatamente este: a falta de condições do PMDB decidir em meio ao seu momento de maior cisão. O governador paulista deverá usar a sustentação de que os partidos, e principalmente o PMDB, saem bastante machucados do vendaval do

primeiro turno e não teriam porque exigir dos seus seguidores e militantes uma posição de disciplina e muito menos coerência partidária. E o governador paulista sabe ainda que a prova final da falta de unidade lhe será fornecida pelo próprio PMDB no momento em que mais de uma de suas alas quiser qualquer opção, como já aconteceu com o governador de Pernambuco, Miguel Arraes, já comprometido com Lula.

Nunca houve, de fato, qualquer possibilidade de Quércia tomar a mesma atitude por motivos óbvios. O próprio PT ou os seus setores mais radicais rejeitariam qualquer declaração de apoio de Quércia a Lula. O governador de São Paulo, sinuoso como é na política, jamais cometeria o impulso de fazer uma opção não-negociada. E com os petistas não há negócio. Nem mesmo relações diplomáticas com a prefeita da Capital, Luiza Erundina, Quércia consegue manter sem incidentes.

Com Fernando Collor houve mais de uma tentativa de negociação. Mas neste caso a questão não é prioritariamente ideológica.